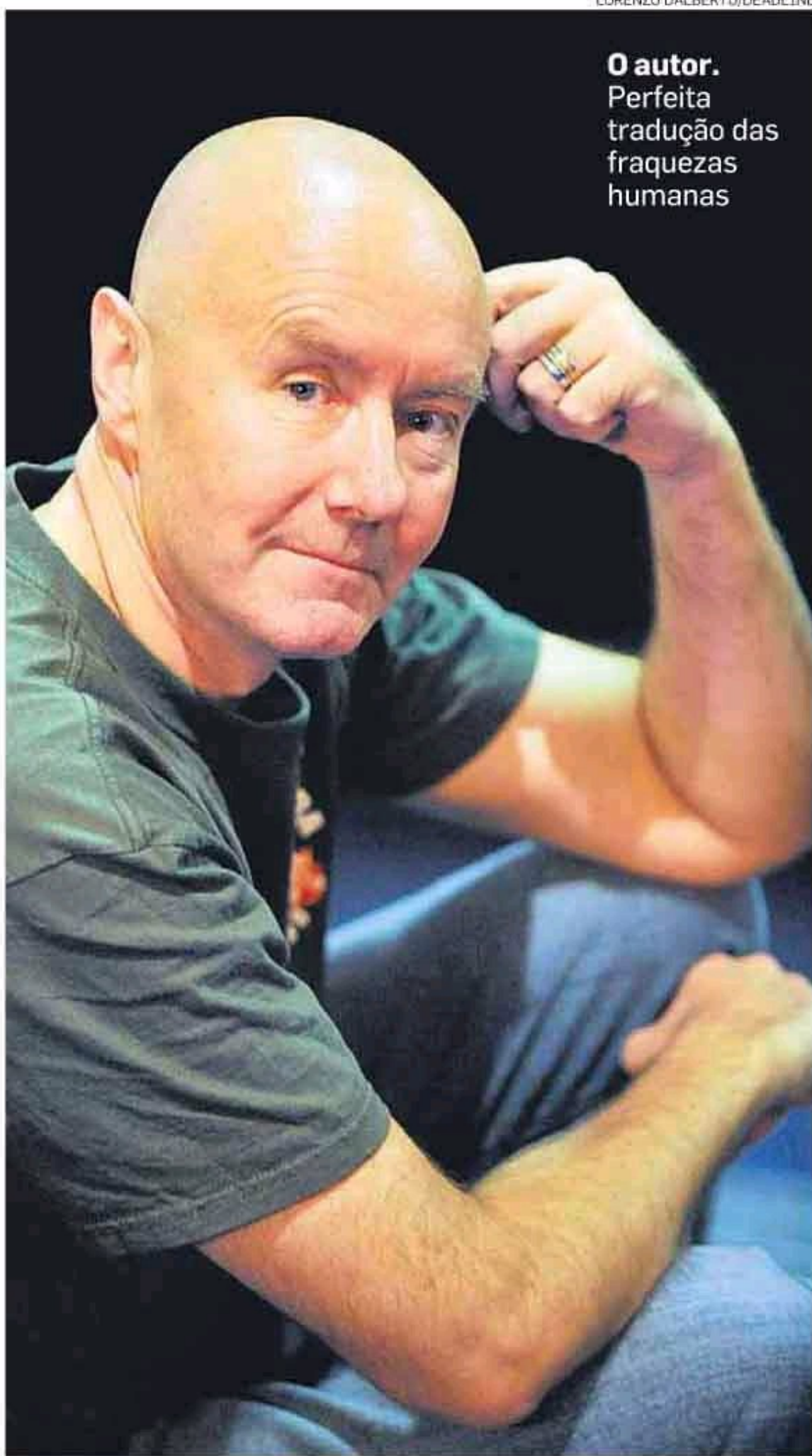


Livro. Contos

REALIDADE TORTUOSA

Na coletânea *Requentando Repolhos*, Irvine Welsh vai da violência gratuita a uma ternura inesperada

LORENZO DALBERTO/DEADLINE



O autor.
Perfeita
tradução das
fraquezas
humanas

André de Leones

ESPECIAL PARA O ESTADO

Talvez você se lembre do escocês Irvine Welsh no filme *Trainspotting*. Naquela adaptação de seu romance de estreia, nós o vimos como Mikey Forrester, um traficantezinho que vendia supositórios de ópio para um Mark Renton (Ewan McGregor) desejoso de abandonar o vício em heroína sem sofrer demais no processo. Lendo *Requentando Repolhos*, coletânea de contos de Welsh recém-lançada no Brasil, não é difícil pensar naquele sujeito careca e barrigudo, a cabeça já um tanto avariada pela bebida e pelas drogas, errando por Leith, distrito de Edimburgo no qual se passa a maioria das histórias que compõem o livro.

À exceção da última delas, a dolorosamente esperançosa *Eu Sou Miami*, são narrativas publicadas entre 1994 e 2000 em diversas antologias que, nas palavras do próprio autor, “exploravam as fraquezas dos escoceses ou o tema das drogas, dominantes na década de 1990, pelas quais assumo ao menos parte da culpa” e, em seguida, afirma sentir muito por isso. E a verdade é que alguns desses autoproclamados “contos de degeneração química” não agradarão aos leitores de estômago fraco.

Tomemos como exemplo *Falta em Cima da Linha*, que abre o volume. A exemplo dos dois contos subsequentes, ele é narrado em raivosa primeira pessoa por um cidadão de Leith beerrão, boca suja, machista, homofóbico e torcedor do Hibernian F.C., time local mais conhecido como Hibs. E é justamente em dia de embate dos

Hibs contra o seu maior rival, o Heart of Midlothian ou apenas Hearts, que a esposa do nosso herói o chama para passear com ela e o casal de filhos. Ele aceita, desde que estejam em casa a tempo de assistir ao jogo.

A “linha” do título é a férrea, pois acontece de, quando estão voltando para casa e são instados pelo chefe de família a cortar caminho pelos trilhos, a mulher não atravessar a tempo, ser atingida por um trem expresso e ter as pernas arrancadas. Em meio ao horror da situação, com uma das crianças em estado de choque, a outra buscando nos trilhos os membros da mãe, a correria até o hospital, a única preocupação do protagonista é com o jogo que perderá.

Após três histórias narradas por vozes bem parecidas, Welsh pega o leitor no contrapé com *O Incidente de Rosewell*, uma longa viagem envolvendo desde a juventude inerte e drogada de Edimburgo até uma invasão alie-

nígena levada adiante por um torcedor dos Hibs abduzido anos antes. A habilidade com que Welsh estrutura um painel dos mais inusitados e sem recorrer gratuitamente à violência é o que mais chama a atenção. Parece haver uma compreensão maior desse tecido social esfarrapado.

Antecipando certa ternura que externará no conto que fecha o volume, ele se permite um olhar cúmplice sobre personagens como Shelley, uma adolescente que sonha em se casar com Liam Gallagher, então vocalista da banda Oasis, enquanto se entrega por puro tédio a um frentista de posto de gasolina e, o que é pior, acaba engravidando dele.

Folheando uma revista e fitando os olhos do ídolo numa fotografia, imaginando conseguir “ver um pouco da alma dele ali”, ela só consegue pensar sobre o estado em que se encontra de forma tortuosa: “Ela não sabia se manteria o bebê ou se o descartaria. Naturalmente que Liam também teria que ser consultado. Era justo.” Ainda que seja absurdo, o raciocínio não soa de todo patético em função do desespero mudo que enseja. Acabamos envolvidos por essa humanidade torta que irrompe aqui e ali.

Logo, é interessante notar como a brutalidade explícita dos primeiros contos aos poucos cede lugar àquela compreensão de que falamos há pouco. Não é que Welsh comece a se valer de sutilezas, mas é inegável a compaixão suscitada por um personagem como Collum, de *A Festa*, tendo de lidar com a morte súbita por overdose de um amigo e, depois de (mal) resolvida a questão que se coloca (o que fazer com o corpo?), dizendo com enorme dificuldade: “Nós... vimos o Boaby... o Boaby... vimos o Boaby morrer... não devia ser assim, não devia ser como se nada tivesse acontecido...”

O mesmo esforço transparece em *Disputada*, no qual dois amigos brigam por uma mesma mulher que talvez nem queira ficar com nenhum deles, mas acabam se entendendo (ok, o ecstasy ajuda), e, sobretudo, em *Eu Sou Miami*. Neste, um ex-professor viúvo e aposentado está em Miami visitando o filho. Ali, uma série de coincidências o coloca frente a frente com alguém que fora um de seus piores alunos, agora um DJ famoso.

A implausibilidade das coisas que se sucedem acaba por resultar em um reencontro do velho consigo mesmo e com os outros: “Ele ainda viu seu antigo professor sorrir, num agradecimento tímido, antes de se virar e sair caminhando, ainda trêmulo nos primeiros passos, mas, depois, como o velho soldado que era, marchando firme pelo jardim tropical, dando a volta na piscina.” Desse modo, e até pela forma inteligente como a coletânea foi organizada, Irvine Welsh permite que olhemos para esses personagens como se alguma coisa estivesse, sim, acontecendo. No caso, boa literatura.

*
ANDRÉ DE LEONES É ESCRITOR, AUTOR, ENTRE OUTROS, DO ROMANCE *DENTES NEGROS* (ROCCO)



REQUENTANDO REPOLHOS

Autor: Irvine Welsh

Tradução: Sergio Moraes Rego e Paulo Reis

Editora: Rocco (288 págs., R\$ 39)